## RELATO DE EXPERIÊNCIA POR ROBERTO DE BARROS OSSAK[1], SERINGUEIRAS-RO

Nasci em 20 de agosto de 1990, na cidade de Cacoal-RO, filho de José Ossak e Rita Maria de Barros Ossak, camponeses que trabalhava de meeiros na propriedade em propriedade privada. Os mesmo havia migrado do estado do Paraná e do Espirito Santo para Rondônia em busca de terras, mas ainda não tinha conseguido adquirir. Meus pais atuavam na pastoral da juventude na comunidade Nossa Senhora de Aparecida na linha 12 do município de Cacoal, onde se casaram e tiveram o primeiro filho eu no qual batizaram com o nome de Roberto de Barros Ossak. Na década de 90 em Rondônia não se tinha energia elétrica na zona rural, transporte era apenas por caminhão que passava 3 vezes na semana fazendo o transporte de camponeses e mercadorias para comercializar na cidade. Mas relatos dos meus pais que nessa época tudo o que se plantava na terra recém desmatada das pequenas roças na região produzia, sendo as principais culturas cultivadas para comercialização café, arroz, milho e feijão. Mas como minha família trabalhava de meeiro na terra quase nada sobrava para renda familiar foi onde meu pai após uma grande safra de feijão comprou uma pequena propriedade de 30 hectares, localizada na linha 10 km 10 no município de seringueiras-RO, região do vale do Guaporé. Antes de se mudar realizou a derrubada da floresta no sitio e plantou café e após os trabalhos deixava uma pessoa cuidando da terra e voltava para Cacoal. E no ano 1992 se mudarão para terra juntamente com a família na qual já tinha nascido o segundo filho, uma menina e continuaram a cultivar café, milho, mandioca, arroz e feijão, criação de galinhas caipira e suínos.

Nos primeiros anos as dificuldades eram muitas, sendo a principal o acesso a hospital para as crianças que ficaram doentes com gripes e pneumonia, a renda do sitio era somente para comprar alimentos e muitas vezes faltavam, precisando trabalhar de diárias para pagar as contas. Com o tempo abriu uma escola e o campo de futebol, até então só tinha a igreja comunidade Nossa Senhora da Penha, minha mãe era a catequista e meu pai o coordenador. Eu fui crescendo junto com minha irmã e passei a frequentar a escola, já a estrada foi reaberta pela prefeitura com maquinário, antes era apenas carreador de madeireiros.

No período de escola do ensino fundamental 1 eu dividia meu tempo em estudar, caçar, pescar e ajudar meu pai na roça. Nos finais de semana ia na catequese, igreja e jogava bola na quadra de chão que tinha no pátio da escola juntamente com os amigos.

O ensino fundamental ll eu passei estudar a modalidade de ensino da época "pro campo" sendo uma vez por semana as aulas, os professores não levavam a sério o trabalho de lecionar e havia muita desistência de alunos e outros reprovavam. Minha linha tinha mais de 180 famílias a

[1] Mestrando em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás, Brasil.

escola que eu estudava tinha mais de 200 alunos. Avalio como momentos feliz pois consegui passar em todas matérias em uma sala que iniciou com 35 alunos no ensino fundamental ll e apenas 10 conseguiram concluir no 9º ano, já era o ano de 2005.

Nessa época em minha casa já tinha energia elétrica, televisão e agua gelada e uma motocicleta para deslocar até a cidade, mas o tão sonhado telefone e internet apenas continuava no sonho. Meu pai já participava da Comissão Pastoral da Terra Rondônia – CPT-RO, sendo agente voluntario na região vale do Guaporé, e anos sequente foi eleito coordenador da CPT-RO. Mas meu sonho de estudar em uma escola agrícola estav**a** preste a realizar, não queria fazer apenas o ensino médio e sim o técnico em agropecuária. Foi quando fiquei sabendo que os movimentos sócias da região do vale do Guaporé estava unificados em prol da construção da Escola Família Agrícola Vale do Guaporé - EFAVAG, participei de algumas reuniões acompanhado meu pai para construção do projeto político pedagógico da escola e no mês de março do ano 2006 iniciei o ensino médio juntamente com o técnico em agropecuária na EFA VALE, a modalidade de ensino é pedagogia da alternância, que ficava 15 dias na escola e 15 dias em casa com a família, nos 15 dias com a família eu desenvolvia os trabalhos escolares e ajudava na roça e realizava estágios. A EFA foi a melhor faze da minha juventude, tudo mudou, foi a primeira vez que fiquei longe dos meus pais, a escola ficava uma distância de 135 km da minha casa e a estrada na época era péssima, levava até 8 horas de viagem para chegar até escola. Mas a vontade de estudar superava tudo, muitas amizades surgiam a cada quinzena na escola, as novidades que os amigos traziam de seus municípios era compartilhada e a escola se tornou um ambiente tão agradável que quando alguém ficava doente ou se mudava e precisava sair da escola, todos choravam e faziam homenagens e despedidas emocionantes no pátio da escola. No som da música "amigos para sempre". Era tantos momentos emocionantes que o amor pela escola só aumentava.

A escola proporcionava não apenas o crescimento profissional, mas humano e o social de desenvolver atividades e trabalhos nas instituições sociais da região. Passei a estagiar na ARSERIPAM (Associação Rural Seringuerense Para Ajuda Mutua) na qual minha família é sócia e ajudou na fundação. Nesse período a CPT-RO estava com um projeto de agroecologia na região. O projeto "Natureza Viva Vale do Guaporé", que tinha inicialmente 32 famílias, sendo 08 famílias por município. Quase todas as famílias os filhos estudavam na EFA, e os técnicos da escola realizava assistência técnica nas propriedades das famílias do projeto na produção de alimentos sem agrotóxicos. O projeto foi o início da discussão sobre agroecologia na região do vale do Guaporé, até onde nunca se tinha falado em preservar nascentes, evitar desmatamento e parar de utilizar agrotóxicos. Para mim que estava cursando o ensino médio e técnico, estudar sobre sistemas agroecológicos e agroflorestais e desenvolver na pratica era motivo de me sentir motivado, pois sabia que estava contribuindo para uma alimentação saudável e para um ecossistema sem

contaminação. Mas a escola proporcionava muito mais para nós estudantes, iniciamos uma campanha em todas escolas rurais e urbanas na região do vale do Guaporé, realizando palestras contra o desmatamento e as queimas e falando do aquecimento global. Também realizando oficinas para ensinar fazer compostagem e biofertilizantes para utilizar nas hortas familiares e escolares.

No ano de 2009, me formei em técnico em agropecuária, a escola propôs de contratar alguns egressos recém-formado e fui contratado para trabalhar no setor produtivo e na coordenação de estágio, fiquei 3 anos colaborando com o processo educacional. Mas já atuando como agente voluntário na comissão pastoral da terra e sendo conselheiro fiscal da ARSERIPAM.

No ano de 2013, iniciei o curso de pedagogia, sendo bolsista do PROUNI, mas a cidade em que estudava ficava mais de 200 km de distância do meu trabalho e os estudos era a noite. Pedi demissão da EFA e voltei para o sitio dos meus pais para trabalhar na roça de café, urucum e estudar. No mês de novembro de 2013, fui convidado para assumir a coordenação geral do meio ambiente na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Agricultura - SEMAGRI do município de Seringueiras, aceitei o convite e passei a desempenhar um trabalho sobre resíduos sólidos com a população urbana e a recuperação de nascente com algumas propriedades que aderia ao projeto da secretaria. Mas sendo um agricultor e técnico eu realizava visita nas famílias que entregava alimentos para o programa PAA – CONAB do governo federal que era realizado pela ARSERIPAM em parceria com a SEMAGRI. As visitas técnicas eram para incentivar a produção agroecológica de alimentos que era distribuído nas escolas municipais e estaduais, creches, hospital e famílias carentes. A experiência de trabalhar em um órgão público voltado para meio ambiente e agricultura demostrou que através das políticas públicas que nós temos no país podemos fazer muito pelo nosso planeta e por uma agricultura sustentável livre de agrotóxicos e de insumos químicos. Mas que o poder capitalista de consumo e produção de bens e commodities agrícolas fazem de tudo para que agricultura sustentável não seja desenvolvida, sufocando todas as iniciativas que começam a dar certo. Pois o sufocamento do trabalho desenvolvido no período que estive trabalhando foi o corte do governo federal para aquisição de alimentos da agricultura familiar. Causando um desanimo nos pequenos agricultores do município. Com a saída da presidenta Dilma os recursos federais que a administração municipal acessava diminuiu, ficando cada vez mais difícil desenvolver um trabalho com os agricultores. Com isso a administração na qual eu trabalhava perdeu a eleição e no final do ano de 2016 fiquei desempregado, mas sempre trabalhando no sitio, criando abelhas e cultivando café, urucum e criando vacas leiteiras. O curso de pedagogia foi concluído, já era um jovem pedagogo o primeiro da família a concluir o ensino superior, em casa já tinha internet e telefone celular. Mas a luta por uma educação de qualidade para as crianças e jovens da minha linha e comunidade nunca parou. Pois no início do ano de 2017, a administração municipal fechou a escola municipal de ensino fundamental Epitácio Pessoa, há qual eu

estudei até o 9 º ano do ensino fundamental. Com esse fechamento eu sendo conselheiro da pastoral da terra na região e indignado com a decisão da administração municipal, fiz uma pequena nota encaminhei para publicação no blog da CPT-RO, a notícia foi a que teve mais visualização no blog em curto período. A escola foi fechada sem ter reunião com os pais dos alunos, não foi feito nem um tipo de estudo e apresentado a comunidade local, simplesmente fechou uma escola que estava com 112 alunos estudando diariamente. Em reação a situação os pais e comunidade local e eu ajudando na coletividade para tudo ocorrer sem transtorno ocupamos a escola e aprisionamos o ônibus escolar dentro do pátio com os pneus vazio que deveria levar os alunos para escola na cidade. Mas a administração moveu um processo contra o grupo que ocupou a escola e ganhou e tivemos que liberar o ônibus, mas todos os dias durante um mês bloqueamos as estradas em lugares diferentes para que os ônibus não conseguissem realizar seu percurso. Resultado é que o processo que os pais luta na justiça para reabertura da escola ainda está tramitando na justiça estadual e os alunos foram remanejados para escolas da cidade e outra escola polo que fica até 70 km da casa de alguns alunos.

Com a situação financeira agravando no sitio e com a mudança de governo tudo subindo, destaque a energia elétrica e o combustível, passei a trabalhar em um escritório de georreferenciamento de propriedades rurais no qual realizava o desmembramento de propriedades e cadastro ambiental rural. Mas a situação governamental estava tão grave que o Incra parou de lançar os Georreferenciamento no sistema e o escritório passou a ter prejuízo, pois não conseguia concluir os trabalhos.

Com o novo projeto trienal da CPT-RO, aprovado no ano de 2017, havia uma rubrica para contratar um técnico agrícola voltado para desenvolver trabalho de agroecologia a coordenação da pastoral da terra reconhecendo meu trabalho voltado para área agroecológica me contratou. O trabalho em que me dediquei foi destaque no primeiro ano de agente liberado da CPT-RO, sendo o encontro das comunidades tradicionais da região do vale do Guaporé, em uma comunidade com pouca atuação da CPT, já no segundo ano fui escolhido pelo conselho estadual e posterior eleito coordenador da CPT-RO, juntamente com mais uma companheira e um companheiro, em um mandato de 2 anos.

No dia 05 e 06 de outubro de 2019, realizamos o segundo encontro das comunidades tradicionais, com participação de quatro comunidades quilombolas, duas indígenas e uma extrativista. O objetivo dos encontros é resgatar a cultura tradicional e histórias das comunidades, também conhecer as políticas públicas existentes e os meios de acessá-la. As cartas realizadas no final de cada encontro que permitem uma síntese no geral dos problemas da maioria das comunidades e que podemos juntos com elas estar ajudando no processo de cobrança nos órgãos competentes por cada área solicitada a nível estadual e federal. O trabalho da pastoral da terra é ajudar no empoderamento das comunidades e defender os trabalhadores e seus territórios do jogo de interesses capitalista que expulsa o camponês e as

populações tradicionais para deixar as terras a disposição do latifúndio.

Hoje eu sou acadêmico do curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia Clinica Institucional pela FAROL-Faculdade de Rolim de Moura em Rondônia e do Curso de Pós-Graduação em Direito Agrário pela UFG – Universidade Federal de Goiás. A especialização em direito agrário, vem para ajudar a compreender como devo conduzir muitas situações de violação de direito no campo em Rondônia, o estado é segundo com mais mortes de camponeses por conflito agrário no país, segundo o caderno de conflitos da CPT, ano 2018. Só tenho de agradecer aos professores pela dedicação em lutar por um curso de especialização que ajuda os agentes das pastorais sociais do campo e da floresta no processo de compreensão dos direitos constitucionais na área agrária.